

# **A Criança Contemporânea: Seus Espaços Vivenciais e as Repercussões do Uso das Mídias e Novas Tecnologias em Contexto Educativo**

**Fabiana Rodrigues Oliveira Queiroz  
Raquel Gonçalves Salgado**

**Resumo:** Este artigo aborda a notoriedade da pesquisa com crianças, trazendo para discussão as vivências espaciais por elas apresentadas, face às repercussões que os usos das mídias e novas tecnologias têm engendrando em suas vidas, principalmente nos espaços destinados a escolarização. O estudo ancora-se nas ferramentas conceituais e metodológicas da Sociologia da Infância e Geografia da Infância acerca da infância e da relação das crianças com o espaço enquanto parte integrante de suas vidas. Utiliza-se ainda, os conceitos de dialogismo e alteridade de Mikhail Bakhtin e teorias sobre o uso das mídias e artefatos tecnológicos da atualidade. As análises evidenciaram que as crianças não se orientam de forma acrítica em suas relações com as mídias e tecnologias e que ainda, reordenam ou recriam o sentido dos espaços por elas ocupados.

**Palavras-chave:** Crianças. Mídia. Espaço.

## **1 Introdução**

Neste artigo discutem-se a relevância da pesquisa com crianças apresentando os resultados de uma pesquisa em andamento, que traz como mote os usos e sentidos que as crianças, no seu ofício de viver a infância, atribuem aos espaços escolares, entretecidos pelas experiências tecnológicas e midiáticas da contemporaneidade, tão presentes, atualmente, no cotidiano infantil.

Partimos do ponto de vista, de que as pesquisas que apresentam a infância como foco de estudos são ainda muito recentes. Esta situação se explica ao analisarmos as afirmações de alguns teóricos ao mencionarem que, por muito tempo, as crianças estiveram ausentes das pesquisas de cunho científico (e particularmente no campo da Sociologia), e isto, em virtude de uma visão prospectiva que os adultos possuem com relação às crianças, entendendo a infância como um estágio de preparação para a vida adulta. Essa concepção, erigida na modernidade e que ainda se sustenta na contemporaneidade, tem contribuído para que as crianças sejam marginalizadas de estudos que as contemplem enquanto sujeitos produtores de cultura, que transformam e são transformados pela sociedade (CORSARO, 2011; QVORTRUP, 2010).

Atualmente, o cenário das pesquisas que versam sobre a infância no Brasil vem crescendo, conforme aponta Rocha (2011), contudo, vale ressaltar que inúmeras pesquisas nas diversas áreas do conhecimento, direcionadas às crianças, foram desenvolvidas sem a participação delas próprias enquanto interlocutoras do processo de conhecimento da infância, mas que, de alguma forma, contribuíram para o avanço das discussões relacionadas ao tema (DELGADO; MÜLLER, 2005).

É importante salientar, ainda, que o panorama das produções acadêmicas existentes e que abordam o tema mostra-se de forma mais expressiva em contexto internacional, no qual o número de produções sobre crianças tem aumentado, especialmente no campo da Sociologia. Contudo, esta não é uma realidade consolidada em território brasileiro, conforme menciona Delgado e Müller (2005), “ainda não possuímos uma tradição de estudos que tratem das vozes das crianças por elas mesmas” (p. 161).

Reside neste ponto um dos aspectos que suscita a realização da pesquisa em curso, já que o cenário exposto evidencia a necessidade de direcionarmos o olhar para as crianças, que, por sua vez, se constituem como sujeitos de direito e voz, e que muitas vezes são ignorados em pesquisas de cunho acadêmico. Outro fator relacionado a esta questão vincula-se as experiências da autora enquanto professora e aluna da pós-graduação, pois, a partir delas, foi possível verificar que a escola na contemporaneidade ainda realiza a educação escolarizada aos moldes da modernidade, evidenciando a necessidade de recorrer a propostas educativas mais adequadas às crianças do mundo contemporâneo.

Como já abordamos, uma situação muito recorrente nos estudos que tem as crianças como foco, é o fato de que eles raramente são feitos com crianças, mas sim sobre crianças. Entendemos que, nesta perspectiva, a criança assume a condição de um objeto a ser conhecido, que nada tem a dizer ou contribuir, entendida como pessoa destituída de saberes, e, portanto, passível de ser apenas observada. Assim, compreendemos que essa postura reafirma a condição de subordinação que a criança tem vivenciado.

Na tentativa de não incorrer nesse mesmo equívoco e ao tratarmos desse lugar social que a criança assume com o adulto no contexto da pesquisa, reportamo-nos às reflexões de Jobim e Souza; Castro (1997/98):

[...] ao invés de se pesquisar a criança, com o intuito de melhor conhecê-la, o objetivo passa a ser pesquisar com a criança as experiências sociais e culturais que ela compartilhar com as outras pessoas do seu ambiente, colocando-a como parceira do adulto-pesquisador, na busca de uma permanente e mais profunda compreensão da experiência humana. [...] tanto o adulto como a criança apresentam possibilidades distintas de compreensão das experiências que compartilham, as quais devem ser igualmente valorizadas e devidamente analisadas (p. 83- 84).

É a partir dessas reflexões que se objetiva com este estudo compreender os sentidos que as crianças atribuem aos espaços e tempos presentes no contexto escolar e os usos que dele fazem nas interações com os pares e com os adultos, permeados por experiências com as mídias e as novas tecnologias.

Tendo-se, portanto, como objetivos específicos: Analisar como a rotina da instituição educativa interfere nos modos como as crianças utilizam as tecnologias e vice-versa, especialmente, na definição de espaços e tempos para esse fim;

Compreender, por meio dos discursos e ações das crianças, as práticas sociais, valores, experiências e conhecimentos que emergem a partir de suas relações com a cultura midiática no espaço escolar;

Identificar quais são os usos que as crianças fazem das tecnologias e de referências simbólicas da cultura midiática e de que forma isso contribui para estabelecer territórios de cooperação ou conflitos em suas relações com o outro – criança e/ou adulto – no espaço escolar;

Assim, a relevância de estudos nesta vertente mostra-se, na necessidade de evidenciar a singularidade desse tempo de vida, a infância, a fim de contribuir para a emergência de novas concepções em relação à criança enquanto sujeito, para que sejam dados novos rumos às práticas educativas e aos modos como as crianças são percebidas e compreendidas na contemporaneidade.

## **2 Aprofundando Conceitos**

Como aportes teóricos que sustentam a investigação optou-se pelas teorias do campo da Geografia da Infância, Sociologia da Infância, e estudos relacionados às mídias e às novas tecnologias, uma vez que o advento da tecnologia provocou, e ainda provoca muitas repercussões na subjetividade das crianças e nas atividades realizadas em contexto escolar, como ressalta Martins (2011).

Destacamos o campo da Geografia da Infância na composição desta pesquisa por identificar, nesta área, estudos que buscam analisar as relações que as crianças estabelecem com seus pares e com os adultos, em contextos espaciais, específicos ou diversos, revelando os espaços por elas ocupados para além de meros arranjos físicos, mas como lugares dotados de sentidos, que surgem exatamente pelo vínculo que criam em suas relações de cooperação ou conflito forjadas nessas espacialidades.

A esse respeito, Zapparoli (2012) argumenta que:

A Geografia da Infância reconhece que todas as experiências humanas são vividas em um espaço geograficamente construído. As interações que se estabelecem entre o indivíduo e o lugar onde se encontra inserido, não são apenas relações físicas, são motes de convivência que envolvem sentimentos, envolvem significações afetivas e culturais. Esse espaço físico não é apenas um pano de fundo para as relações sociais, um palco para a existência humana, mas faz parte de processos de constituição que o indivíduo carregará por toda a vida (p.183-184).

Além disso, os estudos nesta área buscam redesenhar novas imagens da infância, dando a ela um lugar diferente daquele a que nossa sociedade tem destinado às crianças. Essa tarefa dá-se a partir de uma perspectiva específica: o da Geografia, ao abarcar conceitos-chaves sistematizados dentro dessa ciência, a saber - espaço, lugar, território e paisagem -, dialogando, também, com os conceitos de identidades e infância (LOPES, 2008; 2009). Assim, elegemos para integrar este artigo os conceitos de espaço, e lugar, pois, entendemos que tal perspectiva permite-nos compreender os sentidos atribuídos ao espaço escolar e aos usos que as crianças fazem desses espaços em suas relações com as mídias e novas tecnologias.

De acordo com Lopes (2008; 2009), espaço refere-se ao conjunto de formas construídas, que se completa pela existência da vida humana que o anima.

Lugar está relacionado a uma menor parcela do espaço, na qual ocorrem as relações humanas e ao mesmo tempo encontra-se atrelado ao sentido de localização, conforme evidenciam Lopes e Vasconcellos (2006, p. 110): “toda criança é criança de um lugar. Do mesmo modo, toda criança é criança em algum lugar”. Assim, o lugar em Geografia da Infância pode ser entendido como o substrato material na produção e existência das culturas infantis existentes nas mais distintas espacialidades.

Outro aporte teórico importante reside na Sociologia da Infância, sobretudo, no tocante aos estudos que apontam para a necessidade de se romper com visões que

desprestigiam a criança, e buscam dar maior visibilidade a elas como seres sociais ativos, criativos, capazes de agirem por si mesmas, e como agentes produtores de culturas próprias da infância, que também podem contribuir na construção das sociedades adultas. Assim, é a partir das obras de Willian Corsaro (2011), e Jean Qvortrup (2010) que temos buscado embasamento teórico para realizar as reflexões relacionadas ao campo da Sociologia da Infância neste artigo.

Como nosso objetivo é pesquisar com crianças, tendo-as como interlocutora nesse processo, elegeu-se dois conceitos abordados por Mikhail Bakhtin (1992) que subsidiam a pesquisa em curso, que são os conceitos de dialogismo, alteridade. Tais conceitos nos permitem analisar os discursos das crianças, neste caso, sobre os usos das mídias e tecnologias no espaço escolar, no sentido de compreendê-los em seus entrelaçamentos com discursos de outros espaços e tempos, ao mesmo tempo em que, nessa relação dialógica, cada sujeito altera e é alterado pelo outro que o inquieta e o interpela em um constante devir.

Em se tratando do tempo, é importante ressaltar que “dentre as instituições sociais existentes, a escola é aquela mais intimamente ligada à ideia de tempo como progresso” com a função de preparar a criança para o futuro. (FERRARINI, 2013, p. 111) Nesta perspectiva, a problematização do tempo, na vida das crianças no contexto do espaço escolar, se faz necessária, à medida que novos olhares se direcionam para a infância como tempo de vida, nem melhor ou pior que o dos adultos, mas igualmente importante.

Neste sentido, o caráter normalizador presente na escola (mediante o estabelecimento do quê, quando e como se deve aprender) contribui para reforçar a visão segmentada e etapista da vida. Como instituição de ensino, a escola constitui-se em um dos pilares da ordem social econômica capitalista, na qual as crianças são inseridas para serem preparadas para o futuro.

Por fim, temos como pano de fundo os desdobramentos que as experiências com as mídias eletrônicas têm propiciado nas atividades que as crianças desenvolvem no espaço escolar. Este tema ganha relevância por se tratar de um terreno fértil que propicia a discussão sobre a dissonância existente entre a criança da contemporaneidade e a escola. Em relação a isso, Veen e Vrakking (2009 apud FERRARINI, 2013, p. 114) aponta que: “enquanto o Homo zappiens é digital, a escola permanece analógica”.

Além disso, outro fator que nos chama a atenção para o tema é que na pesquisa, realizada por Carvalho *et al.* (2009), com crianças em instituições de Educação Infantil,

evidenciou-se que “a criança desde sua tenra idade, é afetada pelo sistema midiático e cultural nos modos como constitui seus valores, saberes e identidade.” (2009, p. 21).

Longe de admitir ou defender a ideia de que as mídias e novas tecnologias se configuram, no contemporâneo, como o vilão que atravessa a vida das crianças, nosso propósito é problematizar esta questão considerando os benefícios e os desafios que os usos das mídias têm proporcionado, sobretudo, nos espaços destinados para a escolarização.

Nesse sentido, Buckingham (2007) adverte que as crianças não se orientam de forma acrítica em suas relações com as mídias e tecnologias, mas ressignificam informações, adquirem autonomia e demonstram grande domínio das formas culturais e comunicacionais da atualidade e, ainda, se sobressaem com relação ao conhecimento que muitos adultos possuem a respeito dos recursos tecnológicos, condição esta, muitas vezes, ignorada pelas instituições educativas.

Por outro lado, há tensões nesse campo a serem discutidas, que estão relacionadas, dentre outros aspectos, às fronteiras que separam as crianças que possuem e as que não possuem o acesso à rede transmídia, bem como as repercussões engendradas em seus modos de ser, agir e de se relacionar com o outro. Desta forma, compreendemos que o desafio que se coloca para pais e educadores, reside na instauração de diálogos críticos sobre a cultura midiática, a fim de que isto possa refletir de modo positivo na interação da criança com seus pares.

### **3 Metodologia**

Inicialmente, realizou-se a definição do referencial teórico-metodológico. Assumimos, então, os fundamentos da Geografia da Infância para delinear os contornos da pesquisa, por identificarmos que esta é uma área do conhecimento ainda incipiente no país, e que, desta forma, poderíamos contribuir na produção de conhecimento neste campo.

Para compor o quadro, optamos pelos fundamentos da Sociologia da Infância como um aporte teórico-metodológico que sustenta esta pesquisa, e apresentamos como viés teórico os desdobramentos que as mídias e a tecnologia promovem na vida das crianças.

Quanto ao aspecto metodológico para o trabalho de campo, utilizamo-nos de pesquisa preliminar, com o caráter de estado do conhecimento, que nos permitiu efetuar um levantamento sobre dissertações e teses hospedadas no portal eletrônico da Capes,

para categorizar e revelar o patamar em que se encontravam, no cenário nacional, as pesquisas que apresentavam a Geografia da infância como principal aporte teórico. Nesse sentido, o estudo revelou que um significativo percentual das produções investigadas apresenta a pesquisa etnográfica como principal abordagem metodológica. Desta forma, vislumbramos o viés etnográfico como o caminho mais adequado à concretização da pesquisa com crianças em questão.

Este tipo de pesquisa é considerado adequado nos estudos com crianças, pois conforme Matos (2001 apud ROCHA, 2011, p. 76), sua aplicação é de significativa relevância em estudos voltados para as crianças, em razão de estas estarem em meio a culturas infantis diversas, e manifestarem situações típicas de seus cotidianos. No contexto educacional, André (2008), também, considera que a pesquisa etnográfica é adequada, devido à natureza intrínseca da etnografia, de imersão em outra cultura.

Contudo, salientamos que a pesquisa utiliza-se dos princípios da etnografia dentro das limitações de tempo e prazo existentes para a realidade da pesquisa feita em nível de mestrado no Brasil. Neste sentido, André (2008, p.28) destaca que os estudiosos da educação realizam pesquisas do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito, exatamente porque não é necessário nesse contexto o cumprimento de certos requisitos da etnografia como uma “longa permanência do pesquisador em campo, o contato com outras culturas e o uso de amplas categorias sociais na análise dos dados”.

Outra etapa do percurso foi definir que a pesquisa se daria com crianças maiores, na faixa etária entre 10 e 11 anos, tendo como *locus* uma escola pública da rede estadual, situada na região central de Rondonópolis, Mato Grosso. A escola trata-se de uma instituição confessional, de orientação católica, que é vinculada a Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. Essa escolha se deve ao fato de essa instituição atender crianças de distintos estratos sociais e econômicos, o que nos permite obter uma diversidade de informações e experiências relacionadas ao acesso que as crianças possuem aos produtos, às referências simbólicas da mídia e aos artefatos tecnológicos da atualidade.

A entrada em campo foi primeiramente negociada com a equipe gestora e com a professora da turma 2ª fase do 2º ciclo “B” e teve início no fim do mês de março de 2014. Posteriormente realizou-se junto às crianças um diálogo com o propósito de esclarecer a finalidade do estudo para que elas pudessem optar por participarem ou não da pesquisa. As respostas apresentavam-se positivas, mas as crianças sempre

solicitavam maiores detalhes em relação ao estudo, de modo que pudessem saber a fundo sobre aquilo que lhes estava sendo proposto.

A decisão de participar ou não da pesquisa passou pelo crivo das crianças porque o lugar social que ela ocupa na pesquisa não pode ser ocupado por nenhuma outra pessoa e apenas ela pode firmar o compromisso de participar ou não da pesquisa. Assim, após o consentimento da maioria, as crianças foram informadas que seria preciso que seus pais também autorizassem a participação delas por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que, posteriormente, fosse devolvido. Esse termo refere-se a um documento que especifica o tema, os objetivos e a importância da pesquisa, bem como a colaboração de cada um para sua realização.

O trabalho de campo fora realizado em turma composta por trinta e três crianças, entre 10 e 11, e inicialmente adotou-se como procedimento de coleta de dados, a observação participante, feita durante as aulas e o recreio, bem como registros em diário de campo. A escolha do referido procedimento, se deve a tentativa de desenvolver em campo que Geertz (1989) denomina como “descrição densa”, a fim de apreender os significados que as crianças compartilham e que são vivenciados no ambiente escolar.

A partir das primeiras observações, foi percebida uma intensa curiosidade das crianças e inclusive das professoras em relação anotações realizadas durante as aulas, o que nos motivou a efetuar os registros após os encontros e a participar das atividades desenvolvidas pelas crianças de forma que não causasse constrangimentos a elas.

#### **4. Alguns achados da pesquisa de campo**

Durante o período de permanência na escola, identificamos a existência de alguns princípios que norteiam a rotina da instituição e que tem por finalidade normatizar o comportamento das crianças. Assim, nesse momento, propomo-nos discutir de que forma as crianças lidam com as regras instituídas na unidade escolar.

Uma das regras da instituição é a realização de uma oração coletiva juntamente com uma breve apresentação feita pelas crianças (em cada dia da semana, uma turma assume esse compromisso) antes de dar-se o início das aulas. Nesse momento, as crianças são reunidas no salão, e organizadas em fileiras. Há constante solicitação para que todas venham a se concentrar no momento devocional e prestar atenção na apresentação, contudo nem todas as crianças conseguem manter-se atentas durante esse período.

Esta é a situação de algumas crianças da turma com a qual temos trabalhado na pesquisa, que, por não apresentarem uma postura considerada adequada para o momento devocional e também em sala de aula, foram suspensas das atividades recreativas de Educação Física como forma de punição.

O mesmo comportamento considerado “inadequado” se repetia durante as aulas, o que contribuiu para que o castigo fosse prolongado. A rotina dos encontros em sala consistia em: fazer cópia das atividades, a resolução e depois de um tempo a correção, seguida de uma nova atividade. Contudo, sempre que possível, as crianças saíam de seus lugares e solicitavam para ir ao banheiro ou beber água frequentemente, o que pode ser interpretado como uma tentativa de interromper o ritmo instituído das aulas.

Esta análise também é feita por Martins (2011; p.627), ao considerar que a “forma como são organizadas as atividades escolares tradicionais” reflete na dispersão e na falta de interesse das crianças em relação ao que é realizado durante as aulas. Neste sentido, pondera Demo (2007 apud MARTINS, 2011, p. 627) que: “quando sugerimos algo frequente na escola – que a criança de hoje já não se interessa por nada, esquecemos que não se interessa pela escola, mas interessa-se por outras linguagens como as digitais, por vezes de maneira excessiva”.

O diálogo entre a professora e a turma revela essa preferência das crianças pela linguagem digital. Enquanto ela passava o segundo texto da aula no quadro, uma criança reclamou ter que ficar copiando, foi quando a professora respondeu:

*- Reclamem na biblioteca, eles que ainda não entregaram os livros.*

Nesse instante, uma criança fez de conta que estava saindo da sala para realizar a reclamação, e recebeu o apoio de outros dois colegas que simularam estarem em pleno ato de reivindicação:

*- Eu quero 1 iPhone; Eu quero 1 Galax; Eu quero um tablete.*  
(Diário de campo – Aula de Português do dia 28/04/2014).



Figura 01: Artefatos tecnológicos desejados pelas crianças.

A reação das crianças diante da possibilidade de substituir as cópias feitas diretamente do quadro, para possíveis cópias e resolução de atividades a partir dos livros, não era algo bem aceito, o que revela sua preferência pela utilização de recursos tecnológicos da atualidade, que podem lhes propiciar aulas mais dinâmicas.

Contudo, o uso de celulares na escola é expressamente proibido. Segundo a coordenação, esta regra tem o objetivo de evitar o seu mau uso durante as aulas e que tal decisão tem respaldo no Projeto de lei nº 2.246/07 – A, que veda a utilização de telefones celulares nas escolas públicas de todo o país. Porém, as crianças insistiam na reivindicação pelo uso dos aparelhos, conforme o que passamos a narrar:

**Criança:** *Professora – Tia, você podia ajudar a gente a fazer um abaixo assinado para nós podermos trazer o celular e o tablete para a escola.* (Aqui a criança faz à solicitação a pesquisadora).

**Professora da turma:** *Ela não para, né?* (A professora se referia ao comportamento da criança, que segundo ela ia para o enfrentamento direto com os professores). (Diário de campo – Aula de Português do dia 28/04/2014).

Outro fator que cabe problematizar está relacionado à frequente necessidade das crianças de se ausentarem da sala, o que revela uma tentativa de fuga do espaço da sala de aula. Nesse sentido, Lopes (2008/2009) reitera que as crianças são sujeitos ativos, e que atuam na sociedade em todas as suas dimensões, subvertendo regras, reordenando ou recriando o sentido dos espaços por elas ocupados e que são destinados a elas pelos adultos.

Como seres ativos, é compreensivo o fato de as crianças expressarem seus descontentamentos em relação à rotina das atividades por elas realizadas e, conseqüentemente, uma constante dispersão.

Assim, ponderamos que na sociedade contemporânea, as crianças estão rodeadas pelas novas tecnologias e pela mídia, e não é mais possível que a escola se feche para a ampla variedade de formas de linguagem com as quais elas dialogam, dentre elas, a linguagem digital. Nesse sentido, faz-se necessário redirecionar o olhar para as

possibilidades que as tecnologias oferecem em benefício da aprendizagem, e utilizá-las com esse fim.

Em relação às mídias, observamos que o conteúdo das conversas com as crianças frequentemente é atravessado pelo que circula na cultura de massa. Nesse sentido, compreendemos que as crianças reportam-se ao conteúdo aprendido e recriam as situações, a fim de vivenciarem aquilo que consideram interessantes.

**Pesquisadora:** *Algumas crianças se aproximam para ver o que escrevia, uma delas me pediu para ver meu caderno e me disse:*

**Criança:** *Ano passado um outro professor fez esse mesmo trabalho com a gente.*

**Pesquisadora:** *Qual o nome dele? (A criança recorreu a um colega para responder a minha pergunta).*

**Criança:** *O nome dele era João, mas nós colocamos o nome dele de professor Renê, porque a nossa professora, nós chamávamos de Helena, então, ele era o professor Renê.*

As crianças referiam-se aos personagens na novela *Carrossel*, a qual tinha como personagem central a pessoa da professora Helena, considerada uma professora boazinha (FERRARINI, 2013). Renê é o personagem que faz par romântico com a professora Helena.



Figura 02: Professora Helena e Renê – Novela Carrossel

A relação que é feita entre os personagens da ficção e as pessoas reais evidencia os significados atribuídos pelas crianças ao mundo que as rodeia.

## **Considerações finais**

Ao tentarmos realizar o exercício de imersão no universo infantil, a fim de compreendê-lo a partir do olhar e percepção que as crianças possuem sobre suas experiências com as tecnologias e as mídias, nos damos conta do quanto às crianças enquanto sujeitos e parte integrante da sociedade, utilizam e dominam os recursos tecnológicos com autonomia.

Cabe ressaltarmos aqui, que boa parte de nosso comportamento é influenciado pelo contexto social em que vivemos e isso também se aplica às crianças contemporâneas, que desde muito cedo, vivenciam experiências relacionadas aos usos das tecnologias de informação, que ao longo das últimas décadas tornou-se parte integrante da vida humana em um mundo globalizado.

Além disso, assim como o mundo veio apresentando mudanças, tais situações se aplicam também à infância contemporânea que tem evidenciando consideráveis diferenças em relação à infância idealizada e forjada na era moderna. Em função disto, entendemos ser fundamental que em contextos destinados para a escolarização se leve em consideração as novas demandas por diferentes abordagens e estratégias de ensino que atendam as atuais necessidades de aprendizagens das crianças dessa nova geração.

Podemos dizer ainda, que atualmente, as barreiras físicas já não se constituem em empecilhos para a circulação da informação e contato com outras pessoas e culturas. Com isso, o poder de transmissão de conhecimentos que a escola detinha há 100 anos passados, não mais se sustenta na atualidade. Contudo, é evidente que as relações vivenciadas pelas crianças e que figuram no espaço escolar, são dotadas de sentido, revelando o caráter não é apenas físico deste espaço, que se mostra como um contexto permeado pela criação, recriação e resignificação que as crianças dele o fazem, sempre levando em consideração o mundo que as rodeia.

Por fim, destacamos que a condução do estudo sob os princípios do dialogismo e da alteridade, no qual as crianças mostram-se como interlocutoras nesse processo de pesquisa, é tanto útil quanto indispensável para a compreensão dos sentidos que as crianças atribuem aos espaços por elas ocupados. E isto, para que, a partir de suas experiências enquanto sujeitos que compõem a escola, se efetive a construção de propostas educativas que estejam mais adequadas aos modos de pensar, ser e agir das crianças na sociedade contemporânea.

## **Referencias**

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. Papirus, Campinas, São Paulo: 1995. 14ª Ed.2008.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BUCKINGHAM, D. **Crescer na Era das Mídias Eletrônicas**. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CARVALHO, C.de S.; *et al.* Infância e cultura lúdica contemporânea: A criança entre brinquedos, narrativas, saberes e competências. **Relatório de pesquisa**. Curso de psicologia. Instituto de Ciências Humanas e Sociais/CUR/UFMT. Rondonópolis, 2009.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELGADO, A. C.C.; MÜLLER, F. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 161-179, maio/ago. 2005.

FERRARINI, A. R. K.; (Des) **Encontros de Gerações no século XXI**: Experiências de Crianças e adultos com as mídias e as novas tecnologias na cultura contemporânea. Dissertação (Mestrado em Educação). Rondonópolis: UFMT, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

JOBIM E SOUZA, S.; CASTRO, L. R. Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo. In: CRUZ, S. H. V. (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 52-78.

LOPES, J. J.M. As Crianças, Suas Infâncias e Suas Histórias: Mas Por Onde Andam Suas Geografias? **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 31- 44, set. 2008 /jan.2009.

LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T.de. Geografia da Infância: Territorialidades Infantis. **Currículos sem Fronteiras**, v.6, n1, p.103-127, jan./jun. 2006.

MARTINS, L. T. ; CASTRO, L.R. de. Crianças na contemporaneidade: entre as demandas da vida escolar e da sociedade tecnológica. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 2 (9), pp. 619 – 634.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. Tradução de texto. Revista **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n.2, p. 631-643, maio/ago. 2010.

ROCHA, L. K. da S. **Crianças, infâncias e espaços**: conhecendo suas culturas e suas geografias. Dissertação (Mestrado em Educação). Niterói: UFF, 2011.

ZAPPAROLI, K. Dos mapas narrativos às maquetes histórico-cultural: Construindo metodologias de pesquisa acerca da vivência de pessoas com deficiência visual. In: MICARELLO, H.; SCHAPPER, I.; LOPES, J. J. M. (org.) **Itinerários investigativos: Infâncias e Linguagens**. Juiz de Fora: Ed. UFJF; 2012.